

Em memória do *Mundo*, nosso querido amigo



É de madrugada na Washington Square. Num quarto de hotel com vista para o fantasma de Kertész, penso duramente no que disse a Brassai quando este o visitou em Nova Iorque, em 1963. “Estou morto”, afirmou: “a pessoa que revês é um morto.” A sua inadaptação americana é uma tragédia mal conhecida. “Todos o julgávamos morto há trinta anos”, relata Szarkowski a respeito de um velho que visitou certo dia o Departamento de Fotografia do MoMA para deixar dois sacos de compras cheios de imagens. Aquele que vês é um morto.

Sou atravessado por um pânico sem forma. Para afastar o pensamento das palavras de Kertész, desvio a atenção para o terem sido ditas em francês, “*Je suis mort*”. “Nome de perfume”, penso, acho que sorriste no escuro. Apavorado com a ideia da tua morte, apavorado com a ideia da minha morte, apavorado com a ideia da minha adaptação americana, apavorado com a ideia da minha inadaptação *tout court*, nesse excesso mental que constitui a insónia, dou comigo a dizê-lo surdamente numa ladainha que a embale: “*Je suis mort, Je suis mort, Je suis mort, Je suis mort*”, repito-o até ser som sem francês,

perfume sem nome, dor fantasma. E um súbito, pálido amanhecer sobre a Washington Square acende através das cortinas um desenho na parede do quarto de hotel e ocorre-me — e não sei por que razão isso me aflige — que a frase de Kertész foi dita em húngaro.

Alcanço o telefone para pesquisar incertamente como se diz “*Je suis mort*” em húngaro. Ajustando-me à luz do ecrã, que ilumina a franha inconclusiva de um português tímido de meia-idade, remelento, mal barbeado, professor de literatura de pijama, que pensariam os meus alunos se me vissem nessa triste figura a halo e hálito, leio o resultado da tradução (*halott vagyok*) que não sei pronunciar, e não pedirei ao Google que o diga em voz alta para não te acordar com o som da minha morte em húngaro. Na véspera da entrevista, só quero que durmas suavemente.

O desenho de luz que a alvorada reconfigura e alarga captura a minha atenção enquanto se desloca na parede, desisto de adormecer. Pego de novo no iPhone. Deixo-me deslizar insensivelmente através de informação que não me prende, até me deter numa descoberta de investigadores japoneses. Reparem: “Depois de separar a cabeça do corpo, num processo de várias horas, a lesma-do-mar *Elysia marginata* desenvolve gradualmente um novo corpo inteiro. Ao sétimo dia, o coração regenera. Segue-se o resto do corpo (dia 14), até que a regeneração se completa (dia 22).” A natureza a iludir a natureza! Estes pequeninos monstros livram-se de si mesmos para não se deixarem apanhar pelo passado. Haverá para esta astúcia biológica um certo limite de ciclos? Poder eu mesmo viver a exemplo das *Elysia*. Separar-se de si. Da cabeça madura, fazer crescer um corpo novo, uma nova forma.

Penso então na imagem do homem que se arrasta a si mesmo pelos cabelos para se criar. Os professores de lógica vêem esta ima-

gem de Nietzsche como a caricatura de um paradoxo otimista: o paradoxo da autocriação. Não podemos falar em autocriação, dizem, se o resultado desse processo já estava contido de alguma forma no criador. É bom de ver que o novo corpo da *Elysia* é igualzinho ao anterior. “É bom de ver...” Recrimino-me por escrever assim, pensar assim. Digo a mim mesmo que o caminho da autocriação passa por me livrar destas fórmulas. Em resposta à minha excessiva dureza crítica, rodas sobre ti mesma para o lado certo da cama e o desenho de luz na parede vem coincidir com o contorno do teu rosto sereno e benigno. É quando vejo que estamos realmente ali, que a véspera passou. Apenas por mais algumas horas, dias, semanas, apenas por mais alguns anos, tudo o que temos é a graça da bola volante que não sabemos de que lado da rede vai cair. Pode cair do lado de Kertész. Sofrer por isso um pouco menos, jogar fora a roupa ruça na mudança de estação, ou, como faz a lesma-marinha, largar o corpo, o luto, o trauma — isso, sim, importa, mas que se guarde a cabeça, guardar a cabeça para a erguer.

Analiso o meu currículo literário. Revistas que entretanto acabaram, textos de que só ficou o título, e já não tenho, nem sei o que diziam, gente que perdi de vista, peças que estrearam e o tempo levou, arrependimentos, falsas partidas, *links* quebrados.

Mantive até há pouco tempo, e estimava-o muito, um arquivo digital de mais de dois milhares de rascunhos, começos de livros, tentativas, frases soltas, títulos, parágrafos interrompidos. Submeti-o a um teste, notando que voltar a ele me impedia de progredir e continuar. Seleccionei alguns textos, muito poucos, dada a extensão do conjunto, imprimi-os e encadernei-os, e destruí o resto.

Depois arrependi-me, tentei reaver o arquivo, recuperar o que sobrara em *emails* enviados a mim mesma, recuperei alguma coisa, nada que se assemelhasse ao que tinha.

O meu trabalho agora é reconstruí-lo, por isso passo horas a começar romances, em documentos intitulados ‘sem nome’, aprendi a prezar as tentativas frustradas, sentindo que com a sua acumulação vou constituindo novamente o edifício.

Tive em tempos a ousadia de imaginar uma escritora que, além de ser autora dos seus livros, fosse também autora das suas fontes. Bastaria nesse sonho buscar um tema, pesquisar uma palavra, e ir ao arquivo ver o que havia lá sobre isso, como quem abre uma enciclopédia, só que em busca de definições poéticas.

Tem sido à procura de construir um arquivo assim que vou escrevendo, por isso conta mais o que não se vê, conta mais a colecção daquilo que não são papéis insignificantes porque é antes o próprio trabalho: e um dia contarão mais os papelinhos do que qualquer linha que tenha sido impressa.

O arquivo é a melhor das redes sociais, porque é preciso ir atrás do nome dos documentos, nome que às vezes não têm, para dar com surpresa com quem se foi. E a imagem que sai do arquivo, muito mais do que dos livros — também eles, várias vezes, apenas tentados, apenas ensaio, tentativa —, essa imagem é a de uma mulher em mudança contínua, na qual quase nunca me reconheço no presente em quem fui, no que escrevi, há um mês atrás.

Abro e fecho documentos, como outros abriam e fechavam gavetas. Tenho uma relação emocional com o computador sem graça onde estas coisas acontecem, um fetichismo amoroso, mantenho-o imaculadamente organizado.

E depois, o que resta? A palavra escrita também é levada pelo vento, porque os papéis ardem e também voam.

É a coisa mais complicada de todas. Recomeçar sempre do zero a cada livro. Parece-se com morrer e nascer de novo. Custa mais à medida que o tempo vai passando e quando não se tem a energia de um demagogo.

Restará um dia essa colecção de nãoos que foi o que decidi não publicar: porque não prestava, porque não estava feito, porque estava confuso, porque ficou a meio, porque não me apeteceu.

Dá-se então esse currículo paralelo, dos papéis que não viram página. Pensar que são eles que me aguentam, tentando erigir uma floresta perdurante de saídas, ímpetos, enquanto acumulo aquele currículo outro, oficial, que não conta senão para não me esquecer daquilo que foi vendo a luz do dia.

O arquivo vivo é o arquivo morto. Às vezes, penso o que seria se tivesse de transpor a nuvem digital para uma casa, quantas estantes ocuparia, quantos quartos. E encontro um sentido no confronto com a imagem do espaço que o trabalho ocupa.